

I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Outubro de 1997, Brasília, DF - Resumo expandido

CONTROLE DOS VETORES DA DENGUE- IMPLANTAÇÃO DE UM PROJETO DE EDUCAÇÃO CONTINUADA

ANDRADE, CARLOS F. S., BRASSOLATTI, R. C. & SANTOS, L. U.

Deptº de Zoologia, IB-UNICAMP. Campinas, SP

A intervenção educativa que pressupõe como resultado a mudança de hábitos e atitudes necessita ferramentas especiais. Caso contrário torna-se uma sub-educação. Resulta na mera divulgação de informações, ou pior ainda, traveste-se de medida de conscientização e quando muito acaba por acumular conhecimento desvinculado de aplicação. Questões de trato cotidiano que necessitam de uma educação real, que determine novas atitudes, são por exemplo quanto ao uso do cinto de segurança e a prevenção da AIDS ou da dengue. Epidemias de dengue têm se alastrado pelo Brasil, causando milhares de vítimas em 20 estados. Não há vacina nem tratamento específico, e as crianças são mais susceptíveis. Os mosquitos vetores picam durante o dia e criam-se no ambiente urbano, nas nossas residências e locais de trabalho, em água limpa acumulada em recipientes que nós mesmos geramos. Nós sabemos disso. Quase todos sabem disso, mas não cuidam. Temos encontrado vasos de plantas aquáticas criando larvas do vetor *Aedes aegypti* nas secretarias de escolas ou em drogarias, ao lado de cartazes sobre o assunto. Criam-se também em aquários tidos com amuletos do camdomblé, para dar sorte, ou cacos de garrafas sobre o muro, para proteger de ladrões.

Centenas de prefeituras municipais, com o apoio estadual e federal, têm se empenhado em programas educativos sobre a dengue. Livretos, cartilhas, painéis, concursos de desenhos ou textos, oficinas de educação, estandes em praça pública e até doação de areia, para ser colocada em vasos são exemplos. Os resultados são em geral desconhecidos pois não se tem um processo avaliatório da eficácia dessa educação na mudança de hábitos, mas é fato que a doença não tem regredido.

O presente projeto pretende a partir de uma disciplina de extensão (18 horas em 5 dias), oferecida pela Escola de Extensão da UNICAMP, instrumentalizar (manual e kit de trabalho) e gerar intervenções educativas (acompanhadas por 6 meses), que determinem uma dinâmica de controle efetivo dos criadouros do vetor da dengue. Os elementos de envolvimento são dois tipos de armadilhas: as de controle biológico e as de vigilância. Nossas pesquisas definiram três agentes de controle com ótimo potencial quando avaliados contra as larvas dos mosquitos: planárias, copépodos e a bactéria *Bacillus thuringiensis* var. *israelensis* (Bti). Os predadores podem ser facilmente criados e o microrganismo existe na forma de produto comercial. As armadilhas de vigilância permitem que a ocorrência dos mosquitos seja monitorada. O controle é feito eliminando-se criadouros do ambiente de trabalho e retirando-se semanalmente as larvas das armadilhas. Propõe-se uma educação dedicada a responsabilizar e envolver as crianças e a comunidade nesse trabalho.

As duas primeiras turmas (agosto e setembro de 1997) foram contratadas pela Prefeitura de Campinas. A primeira turma teve 24 participantes, distribuídos entre funcionários de centros de saúde e professores da rede municipal. Na avaliação prévia apenas um participante indicou ter

“pouca informação” sobre a doença e todos indicaram corretamente “atitudes que podemos tomar no ambiente doméstico para evitar a proliferação dos vetores da dengue”. Entre os 15 educadores, apenas 2 indicaram não ter trabalhado a questão em sala de aula, alegando como motivo a “falta de material informativo”, a “falta de motivação/ estímulo” e de “tempo”. A proposta de tornarem-se “ativos” controladores de criadouros e de direcionarem a educação para que outros também o sejam, foi exaustivamente discutida nas primeiras horas da disciplina. Até o quarto dia de aula no entanto, nenhum participante havia recolhido do gramado, no caminho até a sala de aula, dois pratos plásticos que na próxima chuva seriam possíveis criadouros para o vetor. Um recipiente com água, sob um grande vaso na entrada do prédio, também não havia sido inspecionado ou removido pelos participantes. Após estes fatos terem sido comentados, tanto os pratos como o recipiente foram removidos pelos participantes no último dia de aula. Durante o curso ainda, foram considerados resultados positivos as seguintes ações: um dos participantes, formado em veterinária, ofereceu-se a dar palestras nos locais de trabalho dos colegas sobre a dirofilária, verme transmitido aos cães também pelos *Aedes*; duas professoras registraram que iriam estabelecer o programa das armadilhas também nas escolas estaduais aonde lecionam; outra professora iriar duplicar seu programa instalando-o no condomínio aonde mora, e outra, havia convencido a diretora de sua escola a retirar todos os vasos de plantas com água da secretaria. Além dos pesquisadores envolvidos, dois órgãos da administração municipal vão acompanhar as atividades dos participantes, a Coordenadoria de Educadores em Saúde e o Centro de Controle de Zoonoses. O projeto foi oferecido a duas outras prefeituras, que manifestaram interesse em implantá-lo. Participantes das primeiras turmas vão ser convidados a atuarem como multiplicadores para as novas turmas.